



**Instituto de Letras**  
**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**  
**Licenciatura em Letras/Português**

Malandragem ou Picardia? Um estudo comparativo entre *Memórias de um Sargento de Milícias* e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*

ANDREZA DE JESUS OLIVEIRA

Orientadora:  
Profa. Dra. Lúcia Helena Marques Ribeiro

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para obtenção do título de licenciatura em Letras/Português.

**Brasília, Maio 2022**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço antes de tudo a Deus, e à família que até aqui me ajudou. Meu pai Geraldo, minha mãe Marlene que, infelizmente, não está mais entre nós, mas que ensinou o necessário para que eu chegasse até aqui. Agradeço ao meu irmão Hudson pela constância no aprendizado e por todo o apoio.

Agradeço a minha orientadora doutora Lúcia Helena Marques Ribeiro, dedicada e atenciosa, reconhecendo desde o início sua capacidade como doutora e educadora. Durante toda a elaboração deste projeto, foi ela presente e cuidadosa com o processo, incentivando o bem-fazer e a melhoria do trabalho. Agradeço por toda a ajuda na construção deste trabalho e no encorajamento de que ele poderia ser realizado. Assim como a todo corpo docente pelo ensino ao longo desses anos.

Aos amigos que estiveram comigo durante o curso e incentivaram à finalização do mesmo, agradeço pelo apoio e incentivo de todas as formas, desde uma palavra amiga até a pequena distração para minimizar o estresse da jornada.

## SUMÁRIO

RESUMO / 4

RESUMEN / 5

ABSTRACT / 6

INTRODUÇÃO / 7

1 A QUESTÃO DA CULTURA POPULAR, DO RISO E DO ANTI-HERÓI / 9

2 O HERÓI PICAresco E O HERÓI MALANDRO / 14

3 *MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS* E *LA VIDA DE LAZARILLO DE TORMES Y DE SUS FORTUNAS Y ADVERSIDADES*: COMPARATIVIDADES / 22

CONCLUSÃO / 31

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / 33

## RESUMO

O presente trabalho procura fazer um comparativo entre os protagonistas das obras “*Memórias de um Sargento de Milícias* (1854) ” e “*La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* (1554) ”, trazendo as principais características comuns entre os heróis das obras por meio de crítica literária precedente.

As obras apresentam Lázaro e Leonardo um pícaro e um malandro, que se utilizam de astúcias e espertezas para conseguir o que desejam. Para aproximar as narrativas foram abordados os conceitos de riso, cultura popular, anti-herói, picardia e malandragem, tendo como principal referencial teórico: Candido (1970), Botoso (2011) e Bakhtin (1999), entre outros teóricos que abordam o tema.

**Palavras chave:** Riso, cultura popular, anti-herói, picardia, malandragem.

## RESUMEN

El presente trabajo busca hacer una comparación entre los protagonistas de las obras "Memórias de um sargento de Milícias (1854)" y "La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades (1554)", trayendo las principales características comunes entre los héroes trabaja a través de la crítica literaria precedente.

Las obras presentan a Lázaro y Leonardo, un pícaro y un malandrín, que utilizan se de la astucia para conseguir lo que quieren. Para aproximar las narrativas se abordaron los conceptos de risa, cultura popular, antihéroe, picardía y avivatada, teniendo como principal referente teórico: Cândido (1970), Botoso (2011) y Bakhtin (1999), entre otros teóricos que abordan el tema.

**Palabras clave:** Risa, cultura popular, antihéroe, picardía, avivatada.

## ABSTRACT

The present work seeks to make a comparison between the protagonists of the works "Memórias de um Sargento de Milícias (1854)" and "La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades (1554)", bringing the main common characteristics between the heroes works through previous literary criticism.

The works present Leonardo and Lázaro, a mischievous and a naughty, who use cleverness and cunning to get what they want. To approach the narratives, the concepts of laughter, popular culture, anti-hero, mischievousness and naughtiness were approached, having as main theoretical reference: Candido (1970), Botoso (2011) and Bakhtin (1999), among other theorists that approach the theme.

**Keywords:** Laughter, popular culture, anti-hero, mischievousness, naughtiness.

## INTRODUÇÃO

As duas obras analisadas foram escritas e publicadas em séculos e locais diferentes: *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* em 1554 na Espanha, e *Memórias de um Sargento de Milícias* em 1854 no Brasil. Foram publicadas em períodos históricos importantes; a obra espanhola durante o Século de Ouro Espanhol e a brasileira durante um período de grandes mudanças políticas para o país. *La vida de Lazarillo de Tormes* aparece no momento de grande ebulição da cultura espanhola, criticando a sociedade que a cerca e trazendo à baila atitudes imorais de clérigos, religiosos e da sociedade comum. Não diferente, no século 19, nasce no Brasil *Memórias de um Sargento de Milícias* que, com uma linguagem coloquial e popular, apresenta o anti-herói Leonardo, critica a sociedade imediata, mas quase não expõe o principal elemento dessa sociedade, o negro escravizado.

O comparativo das obras não é recente, desde 1894 já foi iniciado por Mario de Andrade, atividade continuada desde então. O comparativo aqui realizado tem por objetivo trazer à luz as características comuns entre os anti-heróis das duas obras sob a ótica dos conceitos de cultura popular, do riso, da picardia e da malandragem.

No primeiro capítulo, serão apresentadas as questões da cultura popular, do riso e do anti-herói presente nas obras estudadas. Aristóteles afirma que o riso é próprio da natureza humana; já para a Igreja, ele poderia quebrar o dogma da fé. O riso e a cultura popular serão abordados a partir da visão de teóricos como Bergson, Bakhtin, Aristóteles, entre outros autores que se dedicaram a esse tema. Principalmente para Bakhtin, era o caráter alegre e libertador das festas populares que uniam as famílias e diminuía as diferenças sociais. Talvez por isso, o riso era considerado um instrumento de subversão, pois constituía um elemento de deboche e de destituição dos poderes instituídos.

No segundo capítulo, será verificado como se apresentam o herói picaresco e o herói malando nas obras analisadas, procurando-se definir os conceitos de herói pícaro e do herói malandro para a melhor compreensão da atuação dessas duas personagens protagonistas em cada uma das obras. Elas são consideradas anti-heroicas não pelo antagonismo com outro personagem, mas por sua oposição à figura do herói clássico de

atitude e moral inabaláveis. Desse modo, procurou-se estudar as figuras dos heróis malandro e picaresco, personagens irregulares que não correspondem aos heróis descritos nas narrativas de suas respectivas épocas. Nasceram e cresceram valendo-se de astúcias e trapaças para lograr seus objetivos. Interessou-se ainda por abordar as semelhanças entre as personagens e as obras através de exemplos das obras literárias e sob a ótica das obras críticas, principalmente a de Antônio Cândido em 1970.

No terceiro capítulo, será feito um estudo comparativo dos contextos nos quais se inserem as obras *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* e *Memórias de um Sargento de Milícias*. A primeira apareceu pela primeira vez em 1554, durante o reinado de Carlos I da Espanha e foi publicada durante o Século de Ouro, período de grande expansão territorial, época fortemente influenciada pelo catolicismo. A segunda, considerada uma obra de transição do Romantismo para o Realismo e que retrata a vida do Rio de Janeiro da primeira metade do século 19.

## 1 A QUESTÃO DA CULTURA POPULAR, DO RISO E DO ANTI-HERÓI

Desde a Idade Média é importante reconhecer a importância que o riso e a cultura cômica popular têm para a sociedade. Segundo Bakhtin, na Idade Média “Nenhuma festa se realizava sem a intervenção dos elementos de uma organização cômica...”.<sup>1</sup> Na Idade Média e no Renascimento as festas religiosas de cunho cômico eram realizadas em praça pública com a participação do povo. As festividades de cunho popular perdem o tom oficial e religioso característico; eram festas públicas nas quais qualquer pessoa poderiam participar. As manifestações cômicas de caráter popular não tiveram o devido reconhecimento e importância pelos românticos, segundo Bakhtin “...a natureza específica do riso popular aparece totalmente deformada, porque são-lhe aplicadas ideias e noções que lhe são alheias...”.<sup>2</sup>

O riso é presente em quase todos os momentos da vida do homem medieval, melhor exemplo disso são os festejos de carnaval que eram executados em praças e ruas públicas, acompanhados por grandes procissões e peças teatrais. O riso tem um caráter, alegre, libertador que, em determinadas festas como o carnaval, era capaz de unir as famílias e transpor as diferenças sociais e econômicas:

A abolição das relações hierárquicas possuía uma significação muito especial. Nas festas oficiais, com efeito, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente, cada personagem apresentava-se com as insígnias dos seus títulos, graus e funções e ocupava o lugar reservado para o seu nível. Essa festa tinha por finalidade a consagração da desigualdade, ao contrário do carnaval, em que todos eram iguais e onde reinava uma forma especial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados na vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar.<sup>3</sup>

Em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – o contexto de François Rabelais (1965), Mikhail Bakhtin desenvolve o conceito de carnavalização

---

<sup>1</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – O contexto de François Rabelais. São Paulo-Brasília: Edunb/Hucitec, 1999, p.4.

<sup>2</sup> *Idem*, p.3.

<sup>3</sup> *Idem*, p.9.

associando-o diretamente à cultura popular e às suas manifestações, uma vez que estas surgem a partir do povo que, ridicularizando os lugares de poder dos quais não fazem parte, e nunca farão, são livres para ridicularizar, subverter a ordem e a seriedade dos rituais e as pompas legalistas dos poderes constituídos. O riso, então, passa a ser o instrumento da subversão da hierarquia quando torna possível o deboche, a ridicularização, a caricatura em forma de manifestações culturais, com origens no povo sem obrigações morais ou legais uma vez que não detém nenhum poder soberano.<sup>4</sup>

De acordo com Bakhtin, o carnaval não é assistido, ele é vívido em sua totalidade, como se uma outra vida fosse concedida aos participantes durante as festividades; o carnaval não é encenado, ele é uma vida que nasce para aquele momento e representa a vida cotidiana. Como era uma festa de caráter não oficial, não tinha a responsabilidade de manter relações de hierarquia, respeito por classes sociais, privilégios ou regras.

Luís Eustáquio Soares (2011) afirma que a cultura popular, como é conhecida atualmente, é uma farsa, pois foi apropriada pelas elites que carnavalizam o povo de forma que o faz acreditar que gostos e desejos compartilhados sejam cultura popular:

De forma farsesca e ao mesmo tempo trágica, são, no atual presente histórico, as elites que se apropriam da chamada cultura popular e a carnavalizam, produzindo o efeito ilusório de que vivemos numa civilização de oportunidades iguais, uma vez que cultivamos os mesmos artistas midiáticos, os mesmos gêneros musicais, os mesmos filmes, os mesmos programas de auditório, assim como desejamos as mesmas reificadas mercadorias<sup>5</sup>.

Sebastião Rios em *Cultura Popular: práticas e representações* (2014), afirma que:

A cultura popular tradicional é constituída por bens simbólicos criados por trabalhadores, homens e mulheres do povo, normalmente com baixo poder aquisitivo e baixo nível de instrução formal, e que têm

---

<sup>4</sup>SOARES, Luís Eustáquio. (13.12.2011) *A carnavalização da cultura popular*. <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/ed672-a-carnavalizacao-da-cultura-popular/> Acesso em: 02.05.2022

<sup>5</sup> *Idem*.

ligações diretas com as condições concretas de uma batalha dura pela sobrevivência.<sup>6</sup>

Segundo Soares (2011), a homenagem de fim de ano da emissora de televisão Globo, que traz grandes artistas como Faustão, Xuxa, Angélica e Luciano Hulk fantasiados de populares (carteiro, faxineira, babá, etc...) tenta demonstrar que grandes milionários, que sequer tem primeira residência no Brasil são tão povo quanto qualquer um.

Para Aristóteles, o riso seria próprio da natureza humana. Mais do que um sinal da sua racionalidade, seria a prova da ligação do homem com os deuses por meio das ideias, da elevação do espírito. Para a Igreja, o riso poderia quebrar o dogma da fé. Umberto Eco, em *O nome da Rosa*, constrói o seu enredo em torno do livro perdido da Comédia atribuído a Aristóteles que trataria da Teoria do Riso. A obra expõe o confronto entre a posição da Igreja, em plena Idade Média através da personagem do monge bibliotecário Jorge de Burgos, que entendia o riso como uma afronta para a autoridade da Igreja, e da personagem de Guilherme de Baskerville, um monge franciscano que tenta salvar os originais da obra, por acreditar que o riso era próprio do homem e fruto da sua racionalidade.

A segunda parte da *Poética* de Aristóteles seria, então, um tratado do riso como “fruto da racionalidade humana compreendendo-o dentro da Comédia, pois resultado de uma cópia risível do ser humano travestido de Deus”.<sup>7</sup>

...temos o riso fabricado pela mente humana, o riso enquanto comédia, o riso como subproduto imperfeito da razão – e, este é o riso (transformado pelas mãos e mentes humanas, e encarcerado por elas) que, posteriormente, foi moldado, julgado e condenado por filósofos, que em sua arrogância e soberba, nublados pelos seus interesses, incluíram a parte divina em seu julgamento.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup>RIOS, Sebastião. *Cultura Popular: práticas e representações* (2014). <https://www.scielo.br/j/se/a/sTGxW3SKTJzVrv7HXScgMVK/?lang=pt#> / Acesso em: 18.05.2022.

<sup>7</sup>MEDEIROS, Sérgio. *Teoria do Riso e o livro perdido de Aristóteles*.

<https://jornalggn.com.br/cultura/teoria-do-riso-as-ideias-perdidas-de-aristoteles/> Acesso em: 02.05.2022

<sup>8</sup> *Idem*.

Dessa forma, o riso seria um risco potencial de destruição de tudo o que trouxesse sofrimento e dor ao ser humano; não ameaçava a ideia de Deus, mas mostrava a imperfeição das convenções humanas racionalizáveis. Daí porque a Igreja ou outras instituições que se constituíram pela força ou pela racionalidade não permitiram a divulgação do conteúdo dessa parte da *Poética*. Porém, a partir de novas concepções sobre o riso (e mesmo sobre a Comédia), ele passa a ser concebido duplamente: como forma de intervenção divina no homem e, ao mesmo tempo, como construção humana fruto da racionalidade.

Bergson nos diz que o riso deve ter uma significação social porque será sempre o riso de um grupo ou de um tempo. Esse autor “vislumbra no riso algo como um despertar de uma consciência que ri do automatismo que a constrange e a limita a uma forma”:

...pois uma expressão risível do rosto será aquela que nos leva a pensar em algo rígido, congelado, por assim dizer, na mobilidade ordinária da fisionomia. Nas suas palavras, automatismo, rigidez, vezo contraído e mantido: aí está por que uma fisionomia faz rir. Essa é a comicidade da caricatura, per se.<sup>9</sup>

Em *Memórias de um Sargento de Milícias*<sup>10</sup> de Manuel Antônio de Almeida, uma das obras aqui analisadas, é possível ver a presença da cultura popular e do povo, já que em quase todos os capítulos o narrador faz uma descrição dos costumes da época, em pleno século 19 no Rio de Janeiro. É possível ver a descrição da festa do domingo do Espírito Santo; o narrador conta que a festividade começava nove dias antes, eram feitas Folias onde os garotos se vestiam como padres e saíam tocando e cantando em torno do “imperador” (menino vestido com traje de imperador), claramente uma herança das festas populares medievais:

Era esse dia domingo do Espírito Santo.  
Como todos sabem, a festa do Espírito Santo é uma das festas prediletas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos hábitos, uns bons, outros maus, ainda essa festa é motivo de

---

<sup>9</sup> BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade* São Paulo: Martins Fontes, 2004. In: BASQUES, Messias. *O riso como expressão de um modo de entendimento: do bergsonismo à antropologia*.

<https://www.scielo.br/j/ss/a/8HnBTggZ69qq935m3dtXyTS/?lang=pt> Acesso em: 04.05.2022

<sup>10</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015.

grande agitação, longe, porém está o que agora se passa daquilo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores. A festa não começava no domingo marcado pela folhinha, começava muito antes, nove dias cremos, para que tivesse lugar as novenas. O primeiro anúncio da festa eram as Folias. Aquele que escreve estas Memórias ainda em sua infância teve ocasião de ver as Folias, porém foi já no seu último grau de decadência, e tanto que só as crianças como ele lhe davam atenção e achavam nelas prazer; os mais, se delas se ocupavam, era unicamente para lamentar a diferença que faziam das primitivas. O que dantes se passava, bem-encarado, não estava muito longe de merecer censura; porém era costume, e ninguém vá lá dizer a alguma velha desse tempo que aquilo devia ser por força muito feio, porque leva uma risada na cara, e ouve uma tremenda filípica contra as nossas festas de hoje.<sup>11</sup>

De acordo com Cilaine Alves Cunha<sup>12</sup> a empatia do narrador por festividades populares no Brasil é evidenciada “...na passagem em que descreve a festa do Espírito Santo, quando emite um de seus raros e discretos elogios a tradições folclóricas do país”, essa descrição é encontrada no Tomo I , capítulo XX:

Fazia gosto passear por entre eles, e ouvir aqui a anedota que contava um conviva de bom gosto, ali a modinha cantada naquele tom apaixonadamente poético que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquele movimento e animação que geralmente reinavam. Era essa parte (permitam-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.<sup>13</sup>

Porém, nessa obra, é possível ver, também, uma festividade de caráter oficial e que muda completamente o caráter das festividades da Idade Média. Ali a procissão não é acompanhada por um espetáculo teatral cômico, apenas consagra o regime em vigor e deixa demonstrar a verdadeira natureza da festa humana.

---

<sup>11</sup> *Idem*, p.70.

<sup>12</sup> CUNHA, Cilaine Alves da. *Povo e cultura popular: Memórias de um Sargento de Milícias*. Revista Diadorim. São Paulo, v.17, p. 36-48, 2015.

<sup>13</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015, p.79.

## 2 O HERÓI PICAresco E O HERÓI MALANDRO

As obras analisadas apresentam dois heróis Leonardo e Lázaro personagens irregulares, mas principais nas obras. Lázaro não era um herói modelar como visto nas novelas de cavalaria escritas à época, esses heróis tinham uma série de qualidades, tidas como positivas para os leitores contemporâneos. Leonardo também não é o exemplo de herói romântico que tem o coração bom e pensa nos outros antes de si mesmo. A respeito da conceituação do herói Baranita (2015), conclui que:

Um herói geralmente é a personagem principal da história, que prima pelos seus bons atos e atitudes, e é admirado e amado pela gente que o envolve e pela sociedade em que vive. Também tem uma boa aparência, como uma cara bonita e um corpo saudável. Nos clássicos do cinema e das narrativas com heróis e vilões, geralmente o herói usava roupas claras e era das primeiras personagens a ser introduzida na história.<sup>14</sup>

No sexto capítulo Leonardo filho, o protagonista, acompanha uma via sacra que passa pela rua de sua casa:

Era a isto que naqueles devotos tempos se chamava correr a via-sacra. O menino, como já dissemos, estremeceu de prazer ao ver aproximar-se a procissão. Desceu sorrateiramente a soleira e sem ser visto pelo padrinho colocou-se unido à parede entre as duas portas da loja, levantando-se na ponta dos pés para ver mais a seu gosto. Vinha aproximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo defronte da porta; ele teve então um pensamento que o fez estremecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho: "farte-se de travessuras"; espiou para dentro da loja, viu-o entretido, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão, e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para aumentar a vozeria. Era um prazer febril que ele sentia; esqueceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou, e só não fez daquilo o que não estava em suas forças. Fez camaradagem com dois outros meninos do seu tamanho que também iam no rancho, e quando deu acordo de si estava de volta com a via-sacra na Igreja do Bom Jesus.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> BARANTA, Pedro Alexandre de Almeida Lima Fernandes. *Anti-heróis no cinema: cinema audiovisual – 2014/2015*. Dissertação (Mestrado em Som e Imagem), Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa, 2015, p.10.

<sup>15</sup> *Idem*, p.22.

A propósito dessa passagem, pode-se ver o caráter desse protagonista de estilo picaresco, bem aos moldes dos romances dos séculos 17 e 19, nos quais pode ter se inspirado o seu autor. Aliás, Leonardo Filho não preenche em nada as qualidades de um herói dos enredos românticos. Ao contrário, seria mais um anti-herói por excelência: nascido de uma “pisadela e de um beliscão”, não poderia ter uma vida diferente da que tinha; muitos infortúnios e confusões nas quais se metia por questão de temperamento e caráter; não era um vilão, mas nem sempre se utilizava de meios lícitos. Era um malandro por escolha e carismático por sorte, ou azar, já que são as suas atrapalhadas que garantem o afeto do leitor.

Em *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*<sup>16</sup>, o protagonista que dá nome à obra também não poderia corresponder às características do herói clássico porque o mundo no qual ele pertence também já está degradado e, segundo Lukács (2009)<sup>17</sup>, há uma ruptura insuperável entre esse “herói” e o mundo, o que faz com que ele apenas consiga sobreviver nele. Assim, ao longo da história de Lázaro ele terá nove anos, pessoas para as quais ele irá trabalhar e serão os seus provedores. Algumas vezes, esses anos fazem com que ele passe fome, e por isso o jovem tem que roubar comida. O seu amo clérigo, por exemplo, trancava toda a comida que tinha em uma arca com chave. Lázaro sentia grande fraqueza pelo pouco que comia e se via obrigado a usar de sua astúcia e perspicácia para sobreviver:

Estando eu em tal aflição, da qual queira o Senhor livrar todo cristão fiel, e sem saber como me orientar, vendo que ia de mal a pior, um dia em que o maldito e lazarento de meu amo tinha saído do povoado, bateu à minha porta um caldeireiro, o qual eu creio que era um anjo enviado pelas mãos de Deus e disfarçado naqueles trajes. Perguntou-me se tinha alguma coisa para consertar. "Em mim teria muita coisa para fazer e não faria pouco se me remediasse", falei tão baixo que ele não ouviu. Mas como não era tempo para brincadeiras, iluminado pelo Espírito Santo, respondi-lhe:

-Tio, perdi a chave desta arca e temo que meu amo me açoite. Por sua vida, veja se há, entre essas chaves que traz, alguma que sirva, que eu lhe pagarei.

Começou o caldeireiro celestial a provar, uma após outra, as chaves de um grande molho que tinha, e eu a ajudá-lo com minhas fracas orações. Quando menos esperava, eis que vejo na figura dos pães, como dizem, a imagem de Deus dentro da arca. Uma vez aberta, disse-lhe:

---

<sup>16</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. São Paulo: Editora 34, 2005.

<sup>17</sup> LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2009.

- Eu não tenho dinheiro para lhe dar pela chave, mas pode tirar daí o seu pagamento.  
Ele pegou um daqueles pães, o que melhor lhe pareceu, e, dando-me a chave, foi-se embora muito feliz, deixando-me mais feliz ainda.<sup>18</sup>

Os “heróis” de *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* e *Memórias de um Sargento de Milícias* tem uma origem semelhante. Podemos dizer que a sua vida de travessuras nasce do abandono por parte de seus pais (serem deixados à própria sorte) e sua origem humilde. De acordo com o dicionário Houaiss<sup>19</sup> o anti-herói é “oposto de herói, uma pessoa ou personagem de ficção à qual faltam os atributos físicos ou morais geralmente atribuídos aos heróis”. Baranita (2015) definiu que:

O anti-herói é considerado a personagem que vai perturbar e, ao mesmo tempo, criar empatia com o espectador, ao conciliar características boas e más, defeitos e qualidades, que podem ou não ser equivalentes aos do espectador normal. Ou seja, o anti-herói vive no equilíbrio entre virtudes e defeitos da conduta moral<sup>20</sup>.

Tanto Lázaro como Leonardo Filho utilizam-se de artimanhas, “jeitinhos” e astúcias para conseguir o que querem, nenhum dos dois é essencialmente bom, eles não se encaixam em nenhum lugar e não possuem as qualidades comuns aos heróis. Lázaro e Leonardo Filho sempre dependeram da “bondade” dos outros.

Contudo os protagonistas também não são essencialmente maus, seu adjetivo “anti-herói” não advém do antagonismo com outro personagem herói, esse adjetivo se deve a sua oposição a figura do herói clássico que tem atitudes e moral inabaláveis. Nossos “heróis” não são completamente aceitos na sociedade de sua época, mesmo que ao final de suas narrativas terminem socialmente bem. Como não são bons nem maus a malandragem, astúcia e perspicácia utilizada por eles permitem que suas atitudes sejam justificadas como uma maneira de transitar entre as esferas de ordem e desordem da sociedade, como foi descrito por Antônio Cândido em *Dialética da Malandragem*

---

<sup>18</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.75.

<sup>19</sup> Grande Dicionário Houaiss. Disponível em: <[https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#2](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2)> acesso em 26/03/2022.

<sup>20</sup> BARANITA, Pedro Alexandre de Almeida Lima Fernandes. *Anti-heróis no cinema: cinema audiovisual – 2014/2015*. Dissertação (Mestrado em Som e Imagem), Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa, 2015, p.7.

(1970). Até mesmo outros personagens justificam as atitudes dos protagonistas, como faz o padrinho de Leonardo filho perante Dona Maria:

O compadre, que no meio de tudo tinha sempre pintado a história do menino com cores muito favoráveis, não cessando de gabar a sua mansidão, boa índole, e dourando sempre as suas diabruras com o título de inocências, ingenuidades ou coisas de criança, começou a dar o cavaco com o desmentido que lhe dava a vizinha, que ao contrário dele pintava tudo com cores negras. A comadre interveio também nessa ocasião, porém conservando uma posição duvidosa: ora era da opinião do compadre, ora da opinião da vizinha.<sup>21</sup>

O anti-herói deve ser fiel à sociedade que o cerca, nem todas as atitudes de Lázaro eram boas, assim como a de seus amos, que por muitas vezes, apesar de serem homens religiosos, também não o eram. Seu quinto amo era um buleiro<sup>22</sup> “esperto e desavergonhado” nas palavras do próprio Lázaro, era um homem corrupto que vivia de enganar as pessoas com sua falsa fé e a vender bulas; ele aprende a cobiça com esse amo, assim como aprendeu com os alguns dos outros a enganar, roubar, trapacear, ser mesquinho, ser avaro, mentir e agir somente em benefício próprio.

Em 1970, Antônio Cândido fala sobre o romance malandro, diferindo Leonardo Filho dos heróis pícaros. Segundo o Dicionário da Academia Real Espanhola (RAE – Real Academia Española 2022)<sup>23</sup>, pícaro é um personagem de baixa condição, astuto, engenhoso e de mal viver. Lázaro, quando foi entregue a seu primeiro amo, o cego, era um menino ingênuo, iniciou suas picardias no momento em que começou a guiá-lo. Lázaro tem um despertar de sua inocência quando o cego em uma “brincadeira” bate com força sua cabeça contra um touro de pedra que fica na entrada de Salamanca:

Pareceu-me que naquele instante despertei da inocência em que, como criança, estava adormecido. Pensei lá no fundo: "O que ele diz é

---

<sup>21</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015, p.69-70.

<sup>22</sup> Um buleiro era um funcionário eclesiástico (podia ser um padre) que levava ao público decretos ou bulas de Papa pelos quais os fiéis que contribuíssem para uma determinada causa da Igreja (a cruzada contra os turcos, o resgate de cristãos cativos dos muçulmanos ou mesmo a conclusão da Basílica de São Pedro, em Roma) ganhariam o perdão ou indulgência da pena temporária que, de acordo com a teologia católica, todo pecado acarretava, mesmo que o pecado tivesse obtido o perdão deste pela confissão. Os buleiros ganhavam uma comissão sobre cada adesão à bula, assim eles recorriam a todo tipo de astúcias para obter contribuição dos fiéis, como a narrativa de Lázaro denuncia.

<sup>23</sup> PÍCARO. In: Dicionário de la Real Academia Española, 2022. Disponível em: <<https://dle.rae.es/p%C3%ADcaro?f=m=form>>. Acesso em 25/04/2022.

verdade. Devo abrir bem os olhos e ficar esperto, pois sou sozinho e tenho que aprender a cuidar de mim".<sup>24</sup>

Lázaro aprende com as asperezas da vida, o golpe que levou junto ao touro não seria o último, ele precisará de muita perspicácia, principalmente para saciar sua fome. Depois que aprende a lidar com a fome, ele terá que aprender a lidar novamente com o abandono, dessa vez de seu terceiro amo, o escudeiro:

Assim como contei, deixou-me o meu pobre terceiro amo, fazendo-me comprovar a minha má sorte que, voltando-se sempre contra mim, virava tudo do avesso. Tanto que, normalmente, os amos são abandonados pelos criados, e comigo isso não ocorreu: foi o meu amo quem me abandonou, fugindo de mim.<sup>25</sup>

Os heróis das duas narrativas têm premissas semelhantes, após serem deixados à própria sorte são impelidos a utilizar de astúcia e trapagens para conseguir viver. Lázaro tem uma vida sofrida junto a seus amos, chegando inclusive a passar fome e ser abandonado uma segunda vez, e é por sua pobreza e desamparo que é levado a condição servil. Já Leonardo Filho se difere por possuir um padrinho que quase tudo lhe provê não permitindo que ele passe nenhuma necessidade material; ele não tem uma justificativa que o leve à mentira e à dissimulação como Lázaro, ele já nasce malandro feito, como acentua Cândido:

Tanto assim que lhe falta um traço básico do pícaro: o choque áspero com a realidade, que leva à mentira, à dissimulação, ao roubo, e constitui a maior desculpa das "picardias". Na origem o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa; mas Leonardo, bem abrigado pelo Padrinho, nasce malandro feito, como se se tratasse de uma qualidade essencial, não um atributo adquirido por força das circunstâncias.<sup>26</sup>

No estudo escrito por Cândido em 1970, ele nega que Leonardo seja um pícaro caracteriza-o como o primeiro malandro da novelística brasileira:

---

<sup>24</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.37.

<sup>25</sup> Idem. p.147.

<sup>26</sup> CANDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias* In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p.69.

Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca do seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado categoria de símbolo por Mário de Andrade em *Macunaíma*.<sup>27</sup>

Leonardo Filho não aprende nada com suas experiências, o que de acordo com Antônio Cândido (1970) difere a personagem dos pícaros:

Como os pícaros, ele vive um pouco ao sabor da sorte, sem plano nem reflexão; mas ao contrário deles nada aprende com a experiência. De fato, um elemento importante da picaresca é essa espécie de aprendizagem que amadurece e faz o protagonista recapitular a vida à luz de uma filosofia desencantada.<sup>28</sup>

Lazarillo de Tormes tem sua tomada de consciência e aprende com seus erros; as dificuldades pelas quais passa justificam suas atitudes. Leonardo não tem adversidade material, é protegido por seu padrinho e madrinha, ele já nasce “malandro”. O anti-herói de *Memórias* é uma personagem irregular, ele nasce “de uma pisadela e um beliscão”, não é bom nem ruim, oscila entre ordem e desordem. É simpático assim como Lázaro, suas malandragens não têm a intenção de serem maldosas, o que o configura como malandro é sempre se dar bem, mesmo que algumas vezes sem intenção. Mesmo sem gostar de trabalhar para seu sustento, Leonardinho tem um “final feliz” no término da narrativa, quando se torna “dono de cinco heranças que lhe vieram cair nas mãos sem que movesse uma palha”.<sup>29</sup> Já Lázaro não tem um final tão bom quanto o de Leonardo, Cândido explica que:

O malandro espanhol termina sempre, ou numa resignada mediocridade, aceita como abrigo depois de tanta agitação, ou mais miserável que nunca, no universo do desengano e da desilusão, que marcam fortemente a literatura espanhola do Século de Ouro.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Idem, p.71.

<sup>28</sup> Idem, p.69.

<sup>29</sup> Idem, p.70.

<sup>30</sup> Idem, p. 70.

O fim da narrativa de Lázaro é medíocre, como descreve Cândido. O anti-herói termina casado com uma das criadas de seu nono amo, o arcipreste de San Salvador, para calar os boatos:

Nesse tempo, vendo minha habilidade e bem viver e tendo notícias de minha pessoa, o senhor arcipreste de San Salvador, senhor meu e servidor e amigo de Vossa Mercê, porque eu apregoava tão bem os seus vinhos, procurou casar-me com uma criada sua. E eu, vendo que de tal pessoa não poderia vir senão bem e favores, concordei em fazê-lo. Assim, casei-me com ela e até hoje não estou arrependido, porque além de ser boa filha e diligente serviçal, tenho em meu senhor, o arcipreste, todo favor e ajuda. Durante o ano ele sempre lhe dá, várias vezes, quase uma carga de trigo; na Páscoa, uma boa peça de carne e, no tempo da oferenda dos pães, as calças velhas que deixa de usar. E fez-nos alugar uma casinha junto à sua. Quase todos os domingos e dias de festa comíamos em sua casa.<sup>31</sup>

Lázaro se casa para ter uma estabilidade social e não passar mais fome. Sua mulher teve um relacionamento anterior com o arcipreste que arranja o casamento no intuito de manter a mulher próxima dele para o resto da vida. Surgem comentários de infidelidade de sua esposa, porém Lázaro prefere ignorar, pois a partir daquele momento a fome e a instabilidade ficariam no passado. Cândido diz:

Curtido pela vida, acuado e batido, ele não tem sentimentos, mas apenas reflexos de ataque e defesa. Traíndo os amigos, enganando os patrões, não tem linha de conduta, não ama e, se vier a casar, casará por interesse, disposto inclusive às acomodações mais foscas, como o pobre Lazarillo.<sup>32</sup>

De acordo com o dicionário PRIBERAM (2021)<sup>33</sup>, malandro é que ou quem procura viver à custa do trabalho alheio ou de atividades ilícitas. Leonardo só pensa em si, faz suas astúcias para se dar bem e ascender na sociedade. Ele não é um ávido trabalhador também não é um marginal, ele se adapta a sociedade, dá o seu “jeitinho”, engana pessoas e é por vezes desonesto como destaca NAVES (2018):

---

<sup>31</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.177-179.

<sup>32</sup> CANDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias* In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p.70.

<sup>33</sup>Dicionário Priberam. Priberam Informática, 2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/malandro>>. Acesso em 28/04/2022.

A figura do malandro reforça a ideia do brasileiro como maleável, com jogo de cintura para solucionar os impasses que surgem. Ambos têm o 'jeitinho' para resolver os problemas. Essa malandragem é um conjunto de artimanhas utilizadas para obter vantagem para seu benefício, e para conseguir ele engana sua vítima sem que ela perceba. Portanto para o sucesso da malandragem utiliza-se do carisma, destreza, lábia e sutileza, honestidade não faz parte do seu caráter. O malandro está em busca do seu sucesso e felicidade, e sua ética consiste na lógica do seu prazer.

O personagem malandro adapta tão bem na sociedade por falta de um padrão, por falta de um modelo de herói para seguir, com isso, surge o espaço para o anti-herói, no caso o malandro. Então pode-se dizer que o malandro é a paródia do herói, sendo um herói carnavalizado, que transita entre o 'jeitinho' e os arranjos pessoais.

A inversão de valores, as múltiplas éticas ou a falta de ética é presente na sociedade brasileira, por conta dessas características em comum, Leonardo adapta-se a essa sociedade, sendo até conhecido como personagem nacional, essa figura tão presente consegue instaurar uma nova vertente na literatura brasileira: o romance malandro.<sup>34</sup>

A sociedade em torno do pícaro e do malandro tem muito em comum, ambas são carentes de valores e virtudes o que faz com que os heróis se adaptem a ela transitando entre o certo e o errado, praticando vigarices para se dar bem. Tanto o pícaro quanto o malandro terminam suas narrativas bem, de certa maneira. Lázaro sabe que sua função é uma baixa categoria, por isso faz rodeios antes de revelar sua função real no fim da obra:

E que tenho o cargo de apregoar os vinhos que se vendem nesta cidade, os leilões e as coisas perdidas e acompanhar os que padecem perseguições da justiça, declarando seus delitos. Pregoeiro, para falar claramente.<sup>35</sup>

Contando com favores de amigos e familiares, os protagonistas se tornam empregados do governo, Lázaro pregoeiro e Leonardo sargento.

---

<sup>34</sup> NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: A representação do malandro no Romance Memórias de um Sargento de Milícias. *Revista Mediação*. Pires do Rio - GO, v. 13, n. 1, p. 67-79, jan. – jun. 2018, p. 77.

<sup>35</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.175.

### **3 MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS E LA VIDA DE LAZARILLO DE TORMES Y DE SUS FORTUNAS Y ADVERSIDADES: COMPARATIVIDADES**

Antes de fazer uma comparação entre *Memórias de um Sargento de Milícias* e *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* é necessário estabelecer algumas características de cada uma delas. *Memórias de um Sargento de Milícias* é uma obra escrita, originalmente, em folhetim (capítulos publicados semanalmente nos rodapés dos jornais), caracterizada como uma obra de transição do Romantismo para o Realismo, e que retrata a vida no Rio de Janeiro na primeira metade do século 19, quando a Família Real Portuguesa se refugiou no Brasil em 1808. D. Pedro II era o imperador em 1852, quando a obra começou a ser publicada, por isso se inicia com a frase “Era no tempo do rei.”<sup>36</sup>. A chegada da Família Real traria mudanças para o estilo de vida do Rio de Janeiro. Nesse período, a economia brasileira era regida pelas atividades rurais, as sociedades urbanas estavam no início, apesar de que maior parte da população vivesse na cidade. A escravidão era comum, por isso Cândido (1970) conclui que a figura do negro escravizado não aparece na obra:

Havia, porém, um elemento mais antigo e importante para o cotidiano, que formava a maior parte da população e sem o qual não se vivia: os escravos. Ora, como nota Mário de Andrade, não há gente de cor no livro, - salvo as baianas da procissão do Ourives, mero elemento decorativo, e as crias da casa de Dona Maria, mencionadas de passagem para enquadrar o Mestre de Reza.<sup>37</sup>

Aconteceria ainda em 1850 a Lei Eusébio de Queiroz que proibiria o tráfico de escravizados, mas não aboliria a escravatura. Ainda em 1894 a obra foi descrita por José Veríssimo como “um romance de costumes” (CÂNDIDO, 1970. p.67), pois trazia lugares e cenas do Rio de Janeiro no tempo de D. João VI. A obra narra as aventuras e desventuras de Leonardo Filho e evidencia a questão da vida de favores, desenhando assim, pela primeira vez na literatura brasileira, a figura do “malandro”. É uma narrativa

---

<sup>36</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015, p.9.

<sup>37</sup> CANDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias* In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p.74.

repleta de humor que envolve situações de oportunismo, que atentam contra a moralidade, e que se propõe, em diversos pontos, a uma conversa direta com o leitor. A obra sofre duas forças de tensão que movem as personagens: a ordem, caracterizada pela estabilidade social e representada por personagens como o Major Vidigal, a Comadre Dona Maria e o Compadre; e a desordem, que se refere à instabilidade social e é representada pelo malandro Teotônio, o Sacristão da Sé, e Vidinha. Então, a figura do Major Vidigal representa, majoritariamente, a ordem.

A vida de Leonardo Filho é vivida oscilando entre os polos da ordem e o da desordem, sendo, no final da obra, absorvido pelo da ordem. Até mesmo personagens que representam a ordem podem sofrer uma mudança repentina de polo, como acontece com o Major que, ao fim da obra, liberta e promove Leonardo em troca de favores amorosos de Maria Regalada:

- Então, D. Maria? Quem foi rei sempre teve majestade...  
- Majestade... qual! isso já não é para mim...  
O major atalhou esta explosão de gratidão que levava visos de ir longe.  
- Hão de ficar ainda mais contentes comigo... não lhes digo por quê, mas verão...  
Esta agora é que é grande; veremos o que será.  
- Já sei: é...  
- Há de ser por força...  
- Estou quase adivinhando.  
- Sabem que mais? atalhou o major; são horas de uma diligência a que não posso faltar... O rapaz está livre de tudo; contanto que, acrescentou dirigindo-se a Maria-Regalada, o dito, dito...  
- Eu nunca faltei à minha palavra, replicou esta.  
Retiraram-se as três cheias do maior contentamento, e o major saiu depois também para cumprir a sua promessa.<sup>38</sup>

.....

Como havia prometido a comadre, alguém chegou quase ao anoitecer. Era o Leonardo. Quando ele entrou na sala D. Maria não pôde conter um grito de surpresa.  
Vinha em completo uniforme de sargento da companhia de granadeiros!  
- Como! olhem o major. E então?!  
- É verdade, senhora dona, respondeu o Leonardo, a ele tudo devo.  
Foi aquilo objeto de geral espanto. Ficariam todos muito contentes com a simples soltura do Leonardo, e não só ele aparecia solto e livre, como até elevado ao posto de sargento, o que já não é no exército pouca coisa.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Idem, p.168-169.

<sup>39</sup> Idem, p.170.

A obra inova por sua linguagem realista e satírica, o que não correspondia à preferência da época onde os heróis eram belos e perfeitos, motivo pelo qual não teve grande aceitação inicial. Manuel Antônio de Almeida fez diferente de todos os autores românticos da época, trouxe um anti-herói de classe baixa e personagens que transitavam entre ordem e desordem cometendo pequenos deslizes. *Memórias* possui aspectos realistas e românticos. Dentre os aspectos realistas, podemos destacar: ruptura com a tradicional, postura idealizadora do narrador romântico em relação aos indivíduos, e a terra; as temáticas abordadas pela obra não se encaixam na racionalização ideológica reinante na época (indianismo, nacionalismo, sofrimento, redenção pela dor ou grandeza<sup>40</sup>; não há uma idealização dos personagens, não são heróis ou vilões, mas praticam o bem e o mal, impulsionados pelas necessidades de sobrevivência, fome ou ascensão social; a obra não tem um final feliz definitivo.

Podemos destacar ainda, que a obra apresenta os seguintes aspectos românticos: final relativamente feliz como uma das principais características da obra; prevalência do bem e do primeiro amor, o herói quase perde sua amada, mas a recupera quando ela fica viúva no final da obra.

Já *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* é um romance espanhol do século 16, fundador do gênero picaresco, termo forjado a partir do vocábulo pícaro que designava uma espécie de ajudante de cozinha ou criado. O livro apareceu pela primeira vez em 1554, durante o reinado de Carlos I da Espanha e V da Alemanha, em quatro edições diferentes. A obra foi publicada durante o chamado Século de Ouro Espanhol, foi um período de grande expansão territorial, era comum que as obras fossem fortemente influenciadas pelo catolicismo. Essa época foi caracterizada por uma tendência à expansão do conhecimento humanístico que viria a fortalecer a comédia popular nascendo daí o romance picaresco. A Espanha se tornou um grande polo econômico e cultural, com o ouro que vinha das Américas através da União Ibérica, financiou a cultura e trouxe patrocínio para pintores, escultores, escritores, músicos e arquitetos.

---

<sup>40</sup> CANDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias* In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p.86

Durante uma reforma no sótão em uma casa em Barracota, na Espanha, em 1552 foram encontrados, escondidos atrás de uma parede falsa, onze livros proibidos pela Inquisição dentre os quais estava a edição de *La vida de Lazarillo de Tormes*. A obra é composta de um prólogo e sete tratados narrados em primeira pessoa. O próprio pícaro (Lázaro) narra sua história. A narrativa anônima do século 16, em princípio, se entende como uma reação frente aos personagens idealizados das novelas de cavalaria. Desse modo a obra apresenta um estilo mais realista e por isso serve como um panorama social dessa época. O protagonista desse estilo de obra é conhecido como pícaro ou anti-herói, geralmente inocente e puro que aprende as picardias e malandragens de acordo com as condições de vida dura que se lhe são impostas. A estrutura autobiográfica é perceptível logo no prólogo, quando o narrador se refere a um destinatário - *Vuestra Merced* – a quem pede que relate “*el caso*”. Em 1554, quando a obra foi lançada, era um período de grande expansão imperial depois do descobrimento das Américas, a Reconquista e a unificação política e religiosa da Espanha pelos Reis Católicos, Dona Isabel de Castela e o Rei D. Fernando II de Aragão. Também estava presente a Inquisição na Espanha, o que ocasionou uma má imagem do império; a sociedade era composta por eclesiásticos, nobres e o povo. Imperava o feudalismo em uma sociedade cheia de problemas, com o povo cada vez mais pobre enquanto Carlos I tentava conquistar mais terras para seu domínio. Este romance picaresco de narrativa curta é considerado um dos mais importantes da literatura espanhola por seu conteúdo e crítica social e sua linguagem em contínuo tom irônico. É uma obra de tese histórico-social e faz parte de uma literatura de denúncia, principalmente por sua crítica à pobreza e à injustiça social do grande império espanhol. Esta obra tem por cenário a Espanha, especificamente a região dos rios Tormes, Maqueda, Toledo e Mancha.

A obra possui estrutura interna e externa. Quanto à estrutura interna pode-se perceber que é uma autobiografia de Lázaro dirigida a “*Vuestra Merced*”; é um relato circular (começa e acaba no presente); a obra se inicia com um *flashback* voltando a quando Lázaro é uma criança e segue uma estrutura linear até o presente.

Já os aspectos de estrutura externa são os tratados e os temas abordados: Tratados I, II e III – infância, fome e formação da personalidade de Lázaro; Tratado IV

– adolescência e ascensão social; Tratados V, VI e VII – maturidade, casamento, bem-estar social, mas miséria moral.

*Memórias e Lazarillo* são escritos em séculos diferentes e talvez com pequenas influências um do outro, porém possuem semelhanças que não podem ser ignoradas. Ambas as obras possuem um anti-herói como protagonista do enredo, seja o malandro (Leonardo Filho) ou o pícaro (Lázaro), apesar de uma pequena diferença, o pícaro é inocente e as durezas da vida o tornam amargo, já o malandro não é tão inocente, como a vizinha agourenta narra ele parece já ter nascido com “maus bofes”; as duas obras denunciam a sociedade de sua época através de uma visão divertida e cômica de sua época; têm capítulos curtos e até certo ponto independentes. Na narrativa espanhola, geralmente, cada tratado conta a história de Lázaro com um ou mais de seus amos e em *Memórias* cada capítulo conta uma situação ou história curta geralmente ligados a Leonardo. Quanto ao livro *Memórias de um Sargento de Milícias*, Antônio Cândido sugere que:

...mostrando que talvez se tenha ido consolidando como romance à medida que deixava de ser uma coleção de tipos curiosos e usos pitorescos, que predominam na metade inicial. É possível e mesmo provável que a redação tenha sido feita aos poucos, para atender à publicação seriada; e que o senso da unidade fosse aumentando progressivamente, à medida que a linha mestra do destino do "memorando" se consolidava, emergindo da poeira anedótica. Por isso, a primeira metade tem mais o aspecto de crônica, enquanto a segunda é mais romance, fortalecendo a anterior, preservando o colorido e o pitoresco da vida popular, sem situá-la, todavia, num excessivo primeiro plano.<sup>41</sup>

Mario de Andrade aproxima a obra MSM do romance picaresco, mas Cândido nega essa aproximação baseando-se nas diferenças de intenção entre o malandro e o pícaro:

O malandro, como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. Já notamos, com efeito, que Leonardo pratica a astúcia pela astúcia (mesmo quando ela tem por finalidade safá-lo de uma enrascada), manifestando um amor pelo que o afasta do pragmatismo dos pícaros, cuja malandragem visa quase sempre ao proveito ou a um problema concreto, lesando frequentemente terceiros na sua solução. Essa gratuidade aproxima "o nosso

---

<sup>41</sup> Idem, p.76.

memorando" do trickster imemorial, até de suas encarnações zoomórficas, macaco, raposa, jabuti - dele fazendo, menos um "anti-herói" do que uma criação que talvez possua traços de heróis populares, como Pedro Malasarte. É admissível que modelos eruditos tenham influído em sua elaboração; mas o que parece predominar no livro é o dinamismo próprio dos astuciosos de história popular. Por isso, Mário de Andrade estava certo ao dizer que nas Memórias não há realismo em sentido moderno; o que nelas se acha é algo mais vasto e intemporal, próprio da comicidade popularesca.<sup>42</sup>

É possível observar uma linguagem coloquial e popularesca. Na narrativa de Lázaro podemos destacar um pequeno trecho onde o menino fala de seu segundo amo, o clérigo:

Mas o miserável mentia descaradamente, porque, em confrarias e velórios em que rezamos, à custa alheia ele comia como um lobo e bebia mais que um pau d'água.<sup>43</sup>

Há também em *Memórias* esse tipo de linguagem: "O major arqueou franzindo as sobrancelhas, e repuxou os beiços, como quem não concordava *in totum*<sup>44</sup> com aquilo."<sup>45</sup>

Ambos protagonistas apresentam atitudes inconsequentes mas são amáveis e ganham o carinho do leitor, Cândido diz que Leonardo: "*Semelhante à vários pícaros, ele é amável e risonho, espontâneo nos atos e estreitamente aderente aos fatos, que o vão rolando pela vida*"<sup>46</sup>. O que também pode ser observado em Lázaro.

As duas obras expõem um rascunho irônico da sociedade do momento, da qual mostra seus vícios e atitudes hipócritas, sobretudo dos clérigos e religiosos principalmente Lazarilho de Tormes que tem na maioria de seus amos religiosos. No tratado quinto, quando está com o buleiro afirma que ele é um homem esperto e desavergonhado que vende bulas por bem ou por mal:

---

<sup>42</sup> *Idem*, p.71.

<sup>43</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.71.

<sup>44</sup> *In totum*: Completamente.

<sup>45</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015, p.167.

<sup>46</sup> CANDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias* In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p.69.

Quando o povo não aceitava as bulas por bem, fazia com que as aceitasse por mal. Para tanto, algumas vezes até molestava as pessoas, ou empregava estratégias ardilosas.<sup>47</sup>

O major Vidigal é um típico mantenedor da ordem, um homem da lei, mas que por receber favores amorosos de Maria Regalada concorda em violar a lei concedendo o favor de libertar Leonardo Filho:

- Sabem que mais? – Atalhou o major. – São horas de uma diligência a que não posso faltar... O rapaz está livre de tudo; contanto que – acrescentou dirigindo-se a Maria Regalada – o dito, dito...<sup>48</sup>

Os genitores dos heróis possuem valores questionáveis e que não se importam com o futuro dos filhos. Lázaro, após a morte de seu pai, é entregue ao cego, seu primeiro amo, sem nenhum questionamento de sua mãe:

Por essa época, hospedou-se na estalagem um cego considerando que eu poderia servir-lhe de guia, pediu-me a minha mãe. Ela, então, confiou-me ao dito cego, afirmando que eu era filho de um bom homem, que tinha morrido ao defender a fé na batalha de Gelves, e que ela acreditava, por Deus, que eu não sairia pior homem que meu pai. Em seguida, pediu-lhe que me tratasse bem e olhasse faria e por mim, pois era órfão. Ele prometeu que assim o que não me receberia como criado, mas como filho. E assim comecei a servir e guiar ao meu novo e velho amo.<sup>49</sup>

Não muito diferente de Lázaro, Leonardo é abandonado por sua mãe e pai ficando assim aos cuidados de seu padrinho:

O compadre compreendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer: - Está bom, já agora...vá; ficaremos com uma carga às costas.<sup>50</sup>

---

<sup>47</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.151.

<sup>48</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015, p.169.

<sup>49</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.35.

<sup>50</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015, p.19.

Estilo grosseiro de escrita do autor. Logo, na obra espanhola temos o seguinte exemplo:

E tanto vai a coisa dessa forma, que, confessando que não sou mais santo que meus vizinhos, desta nonada, que neste grosseiro estilo escrevo, não me pesa que tomem parte e com isto se divirtam aqueles que nela algum prazer encontrarem, e vejam como vive um homem com tantas desgraças, perigos e adversidades.<sup>51</sup>

Por conseguinte, em *Memórias de um Sargento de Milícias*, destaca-se:

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócio, porque tinha certeza de levar carolo.<sup>52</sup>

As obras tratadas expõem uma visão extremamente crítica da realidade social imediata. *Lazarillo de Tormes* expõe que o motor das ações humanas, na sociedade da época, é a opinião alheia, que fundamenta a “honra”:

Pensará alguém que o soldado, que é o primeiro na escala, tem a vida mais maçante? É certo que não; mas o desejo de ser louvado o faz lançar-se ao perigo. Nas artes e nas letras acontece a mesma coisa. Predica muito bem o prelado e é homem que deseja ardentemente o proveito das almas, mas perguntem a sua mercê se lhe pesa quando lhe dizem: “Oh, quão maravilhosamente pregou Vossa Reverência! ”. Lutou muito mal o senhor dom Fulano e deu o gibão da batalha ao truão porque este o louvava por ter dado muito boas lançadas. Que teria feito, se fosse verdade?<sup>53</sup>

A obra de Manuel Antônio de Almeida também crítica os bons cidadãos da época:

Ser valentão foi em algum tempo ofício no Rio de Janeiro; havia homens que viviam disso: davam pancada por dinheiro, e iam a qualquer parte armar de propósito uma desordem, contanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado.

---

<sup>51</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.21-23.

<sup>52</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015, p.29.

<sup>53</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.21.

Entre os honestos cidadãos que nisto se ocupavam, havia, na época desta história, um certo Chico-Juca, afamadíssimo e temível.<sup>54</sup>

Ambos protagonistas são deixados à própria sorte e são de origem humilde. A respeito de Leonardo, Cândido afirma: “...como eles, é de origem humilde e, como alguns deles, irregular, “filho de uma pisadela e um beliscão”<sup>55</sup>. Leonardo é entregue a seu padrinho barbeiro, que toma conta dele para o resto de sua vida e Lázaro é entregue a seu primeiro amo, o cego.

Assim é descrito o “abandono” de Leonardo Filho:

O Leonardo foi fulminado por estas palavras; voltou-se então todo trêmulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

— Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado... adeus compadre!

— Mas olhe que o pequeno... atalhou este.

O Leonardo nada respondeu, e saiu precipitadamente.

O compadre compreendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer: — está bom, já agora... vá; ficaremos com uma carga às costas.<sup>56</sup>

Já Lázaro narra seu “abandono” da seguinte forma:

Por essa época, hospedou-se na estalagem um cego que, considerando que eu poderia servir-lhe de guia, pediu-me a minha mãe. Ela, então, confiou-me ao dito cego, afirmando que eu era filho de um bom homem, que tinha morrido ao defender a fé na batalha de Gelves, e que ela acreditava, por Deus, que eu não sairia pior homem que meu pai. Em seguida, pediu-lhe que me tratasse bem e olhasse por mim, pois era órfão. Ele prometeu que assim o faria e que não me receberia como criado, mas como filho. E assim comecei a servir e guiar ao meu novo e velho amo.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015, p.60.

<sup>55</sup> CANDIDO, Antônio. *Dialética da malandragem caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias* In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p.69.

<sup>56</sup> ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015, p.18-19.

<sup>57</sup> ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão Bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005. p.75.

## CONCLUSÃO

Ambas as obras introduziram uma nova personagem na literatura com um conceito para suas atitudes. *Lazarillo de Tormes* apresenta Lázaro o pícaro que inicia o romance conhecido como picaresco e *Memórias de um Sargento de Milícias* introduz o malandro Leonardo que inaugura o romance malandro. Dessa maneira, conclui-se que as personagens não são boas e nem ruins são anti-heróis.

Os protagonistas não são heróis modelares. Lázaro não é um exemplo de herói das novelas de cavalaria da época, ele aprende com as asperezas da vida. Leonardo, protagonista de *Memórias*, é um típico malandro que só pensa em si e quer ascender socialmente, vive das suas astúcias e em nada aprende com suas experiências

No primeiro capítulo, foram apresentadas as questões da cultura popular, do riso e do anti-herói presente nas obras estudadas. O riso e a cultura popular tiveram seus conceitos abordados a partir da visão de teóricos como Bergson, Bakhtin, Aristóteles, entre outros autores que se dedicaram a esse tema. Principalmente para Bakhtin, era o caráter alegre e libertador das festas populares que uniam as famílias e diminuía as diferenças sociais. Talvez por isso, o riso era considerado um instrumento de subversão, pois constituía um elemento de deboche e de destituição dos poderes instituídos.

No segundo capítulo, verificou-se como se apresentam o herói picaresco e o herói malando nas obras analisadas, definindo-se os conceitos de herói pícaro e do herói malandro para a melhor compreensão da atuação dessas duas personagens protagonistas em cada uma das obras. Desse modo, foram estudadas as figuras dos heróis malandro e picaresco, personagens irregulares que não correspondem aos heróis descritos nas narrativas de suas respectivas épocas. Foi refletido ainda as semelhanças entre as personagens e as obras através de exemplos das obras literárias e sob a ótica das obras críticas, principalmente a de Antônio Cândido em 1970.

No terceiro capítulo, foi aprofundado um estudo comparativo dos contextos nos quais se inserem as obras *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades* e *Memórias de um Sargento de Milícias*. A primeira apareceu pela

primeira vez em 1554, durante o reinado de Carlos I da Espanha e foi publicada durante o Século de Ouro, período de grande expansão territorial, época fortemente influenciada pelo catolicismo. A segunda, considerada uma obra de transição do Romantismo para o Realismo e que retrata a vida do Rio de Janeiro da primeira metade do século 19.

Este breve comparativo objetivou apresentar as semelhanças e diferenças das figuras do malandro Leonardo e do pícaro Lázaro. Aproximando as obras em que aparecem por meio de crítica literária precedente.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Via Leitura, 2015.

ANÔNIMO. *La vida de Lazarillo de Tormes*. Versão bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2005.

ARANTES, Aldineia Cardoso. *O Estatuto Do Anti-Herói: Estudo Da Origem E Representação, Em Análise Crítica Do Satyricon, De Petrônio E Dom Quixote, De Cervantes*. Tese (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá. Maringá: 2008.

BAKHTIN, Mikhail. Apresentação do problema. In: *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Hucitec. 1999.

BARANITA, Pedro Alexandre de Almeida Lima Fernandes. Anti-heróis no cinema: cinema audiovisual – 2014/2015. Dissertação (Mestrado em Som e Imagem), Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa, 2015.

BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade* São Paulo: Martins Fontes, 2004. In: BASQUES, Messias. O riso como expressão de um modo de entendimento: do bergsonismo à antropologia. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ss/a/8HnBTggZ69qq935m3dtXyTS/?lang=pt>> Acesso em: 04/05/2022.

BOTOSO, Altamir. *A recriação do pícaro na literatura brasileira: o personagem malandro*. Porto Alegre: Letrônica, v.4, n.1, jul. /2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7845>>. Acesso em: 28/04/2022.

CANDIDO, Antonio. *Dialética da malandragem caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias* In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 8, Universidade de São Paulo, 1970, p.67-89.

CUNHA, Cilaine Alves da. *Povo e cultura popular: Memórias de um Sargento de Milícias*. Revista Diadorim. São Paulo, v.17, p. 36-48, 2015.

Grande Dicionário Houaiss. Disponível em: <[https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#2](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2)> acesso em 26/03/2022.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2009.

MALANDRO. In: Dicionário Priberam. Priberam Informática, 2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/malandro>>. Acesso em 28/04/2022.

MEDEIROS, Sérgio. *Teoria do Riso e o livro perdido de Aristóteles*. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/cultura/teoria-do-riso-as-ideias-perdidas-de-aristoteles>> Acesso em: 02/05/2022.

NAVES, Amanda Ferreira; LIMA, Maria de Fátima Pereira da Silva; FARIA FILHO, Carlos Andrade. Leonardo: A representação do malandro no Romance *Memórias de um Sargento de Milícias*. *Revista Mediação*. Pires do Rio - GO, v. 13, n. 1, p. 67-79, jan. – jun. 2018.

PÍCARO. In: Dicionário de la Real Academia Española, 2022. Disponível em: <<https://dle.rae.es/p%C3%ADcaro?m=form>>. Acesso em 25/04/2022.

RIOS, Sebastião. *Cultura Popular: práticas e representações*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/sTGxW3SKTJzVrv7HXScgMVk/?lang=pt#> / Acesso em: 18/05/2022.

SOARES, Luís Eustáquio. *A carnavalização da cultura popular*. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/ed672-a-carnavalizacao-da-cultura-popular>> Acesso em: 02/05/2022.

XV ENCONTRO ABRALIC. CECARELLO, Vera; BASTOS, Elide Rugai. *Ordem, desordem e malandragem: elementos estruturais no processo de desenvolvimento urbano em "Memórias de um Sargento de Milícias" e em "Madame Pommery"*. Rio de Janeiro, 2017.